



CROMOSSOMOS X E Y: O SOCIAL E O BIOLÓGICO NO DISCURSO SOBRE GÊNERO NA SUPERINTERESSANTE

Elisa de Magalhães e Guimarães¹

Silmara Cristina Dela da Silva²

Resumo: Lançada no fim dos anos 1980 como uma versão brasileira da espanhola *Muy Interesante*, a revista *Superinteressante* publica reportagens sobre história, comportamento, ciência e tecnologia. Entre os assuntos mais abordados pela revista, estão questões relacionadas a gênero e sexualidade, temas que permearam 58 notas e matérias que circularam em suas páginas entre os anos de 2011 e 2012. Por meio da análise discursiva de uma destas reportagens, *Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?* (junho/2011), o presente artigo tem como foco o modo como o biológico e o social são representados no discurso sobre papéis sociais de gênero da *Superinteressante*. Mobilizando conceitos da *Análise do Discurso* desenvolvida por Michel Pêcheux, o artigo busca mostrar como se constituem efeitos de sentido no discurso em circulação na revista no que diz respeito a homens e mulheres, e também à ciência.

Palavras-chave análise do discurso, jornalismo científico, gênero.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compartilhar algumas das considerações obtidas durante o processo de pesquisa para a monografia *Homens e mulheres na Superinteressante: o discurso sobre os papéis sociais de gênero no jornalismo científico*, defendida no curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal Fluminense. O trabalho analisou discursivamente seis matérias publicadas pela revista *Superinteressante* entre os anos de 2011 e 2013, todas com foco em questões relacionadas a sexo e gênero: *Prostituição na era da tecnologia* (março/2011), *Adão, Eva e Ricardo* (junho/2011), *Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?* (junho/2011), *E se os homens menstrassem?* (setembro/2011), *Mulheres que convivem juntas menstruam juntas?* (janeiro/2012) e *Cinquenta tons de rosa* (janeiro/2013)³. Para este artigo, foi feito um novo recorte segundo o qual será analisada apenas a reportagem *Homens x mulheres*, matéria de capa da edição 292, de maneira a mostrar como a *Superinteressante* coloca em circulação sentidos sobre gênero por meio de discursos da/sobre a medicina e a biologia, apresentados como em oposição à influência do meio social.

¹ Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: elisamguimaraes@gmail.com.

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e pesquisadora do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), desse Instituto. É jornalista e doutora em Linguística, com pesquisas na área de análise de discurso. E-mail: silmaradela@gmail.com.

³As matérias podem ser acessadas no site <http://super.abril.com.br/superarquivo>.



Publicada pela editora Abril, a Superinteressante disputa o mercado com a Galileu, publicação da editora Globo, e a *Scientific American Brasil*, da Duetto Editorial. Sua tiragem é de 348.491 exemplares (abril/2015), que atingem em média 1.840.902 leitores, segundo projeção de 2014. A revista é, segundo seus próprios editores, voltada “para cabeças que tem fome de conhecimento, inovação e novidades. É feita para quem quer entender o mundo além do óbvio”. Dentre os tópicos que aborda estão saúde humana, história, tecnologia, religião, gênero e sexualidade. Os dois últimos foram o tema de nada menos que 51 notas e matérias de uma página, 6 matérias de duas páginas ou mais e 1 matéria de capa entre os anos de 2011 e 2012, segundo levantamento realizado a partir de consulta ao site da revista.

A Superinteressante, versão brasileira da espanhola *Muy Interesante*, foi lançada pela Abril no final dos anos 80, seguindo o formato do chamado jornalismo científico. O jornalismo científico deu seus primeiros passos em 1655, na Inglaterra, pelas mãos do filósofo alemão Henry Oldenburg. O primeiro periódico voltado para a área do qual se tem notícia foi o *Philosophical Transactions of the Royal Society*, da Real Sociedade de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural. O jornal tinha como principal interesse a “filosofia natural”, termo usado na época para descrever aquilo que hoje compõe o campo das ciências naturais, como a física, a química e a biologia. Embora tivesse a disseminação do conhecimento científico como um de seus principais objetivos, o *Philosophical Transactions* tinha muito mais em comum com as atuais revistas acadêmicas do que com as publicações voltadas para o público leigo encontradas nas bancas de jornal (e na internet) do século XXI.

Ao contrário de artigos que apresentam resultados de estudos que muitas vezes apenas confirmam aquilo que já se sabe, de uma diversidade de linhas de pesquisa que nem sempre enxergam umas às outras com bons olhos e do escrutínio dos pares, o jornalismo científico propõe-se a trazer em suas páginas uma versão mais ágil e homogênea do processo de produção de ciência e tecnologia. Enquanto revistas acadêmicas procuram atualizar estudantes e pesquisadores sobre os avanços e as discussões pertinentes a uma determinada área, no ritmo lento que é próprio da ciência, com seus questionamentos e longos períodos de estudo, o jornalismo científico é focado em grandes descobertas ou em debates capazes de afetar diretamente a vida cotidiana.

É claro que não é esperado de revistas de divulgação científica voltadas para o público geral que tenham os mesmos critérios de publicação que periódicos voltados para pesquisadores. No jornalismo científico, importa aquilo que, na visão da própria mídia, representa um avanço tecnológico ou um grande impacto na qualidade de vida. “Em outras palavras, o conhecimento não é notícia para a grande imprensa, não é acontecimento para a grande imprensa.”, como afirma Guimarães (2001, p. 19). Em suas palavras:

O acontecimento para o jornal, aquilo que é enunciável como notícia, não se dá por si, como evidência, mas é constituído pela prática do discurso jornalístico. Enunciar na mídia inclui uma memória da mídia pela mídia. Valendo-me de conceitos formulados pela análise de discurso, posso dizer que enunciar na mídia é enunciar segundo a interdiscursividade que determina as formulações da mídia, por mais que os jornalistas possam ainda afirmar que eles se pautam pela objetividade dos acontecimentos. (GUIMARÃES, 2001, p. 15).



No Brasil, as primeiras revistas a abordar a área científica surgiram no século XIX: a pioneira foi a Revista Brasileira (1857), seguida pela Revista Rio de Janeiro (1876) e pela Revista do Observatório (1886), do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, atual Observatório Nacional. As publicações acompanhavam uma tendência mundial de crescente interesse pelos avanços científicos e tecnológicos, provocada pela Revolução Industrial. O tema se tornaria ainda mais popular no século seguinte, com as novas armas surgidas nas duas guerras mundiais e a corrida espacial, entre outros fatores. Em 1977, foi criada a Associação Brasileira de Jornalismo Científico, e nos anos 1980 e 1990, as bancas de jornal foram inundadas por revistas como Ciência Hoje, Globo Ciência e Superinteressante – esta última a única que sobreviveu à virada do século.

Ao longo da história, tanto o jornalismo quanto a ciência criaram em torno de si uma aura de objetividade e imparcialidade, segundo a qual as duas áreas estariam aptas a fazer julgamentos sobre o mundo sem qualquer interferência de preconceitos sociais e interesses políticos ou econômicos. Logo, é sempre importante lembrar que “publicações, estações de rádio e TV e laboratórios são ligados ao Estado e aos grupos políticos que o controlam e a empresas de capital privado e os interesses de seus agentes corporativos pelos laços mais íntimos da sociedade capitalista: o dinheiro” (GUIMARÃES, 2014, p. 8). Desse modo, o discurso da/na mídia também tem as suas condições de produção, ou seja, as suas condições sócio-históricas que afetam o modo como constituem sentidos.

Ademais, da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, desenvolvida a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux (1998, 1997, 1990), que norteia este trabalho, sabe-se que seus sujeitos falam de dentro de uma determinada formação social, ocupando posições ideológicas. Discursivamente, seus dizeres inscrevem-se em uma memória discursiva proveniente de um contexto histórico repleto de contradições. Quando enuncia, o sujeito da ciência e do jornalismo coloca em circulação não apenas aquilo que “quer dizer”, mas também o dizer da escola, da família, da religião etc. É dentro deste contexto que se pode chamar de acontecimento, segundo a definição de Guimarães (2001), o tema abordado na reportagem aqui escolhida para análise: ele dialoga com uma memória discursiva não só da mídia, mas de toda a sociedade, que tem regras estritas a respeito dos lugares ocupados por homens e mulheres.

É importante ressaltar aqui que o discurso que está em jogo não é o científico, mas um discurso jornalístico sobre a ciência, que em sua grande parte reproduz a visão das duas áreas como isentas de influências externas. É comum que o repórter de ciência e tecnologia seja visto como uma espécie de tradutor, responsável por tornar compreensível para os leigos o quase indecifrável jargão dos cientistas. “[C]ompreender esse trabalho como 'tradução', além de equívoco, deixa de considerar o verdadeiro deslocamento de sentidos, gerando novos significados, filiados a outras posições ideológicas.” (ORMANEZE, 2013, p. 124). Entretanto, é necessário fazer também um histórico da forma como o gênero – o feminino em especial – foi abordado ao longo do processo evolutivo da ciência, muitas vezes de maneira a reafirmar concepções oriundas da religião e da tradição. É isto que será brevemente examinado na próxima subseção. Em seguida, será apresentada a análise discursiva da matéria Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?, com foco nos possíveis efeitos de sentido, no que diz respeito a gênero, postos em circulação pelos dizeres da revista.

**GÊNERO E CIÊNCIA**

Em seus estudos sobre a dominação das mulheres, Pierre Bourdieu (2010) e Simone de Beauvoir (2009) reconhecem a impossibilidade de localizar o momento exato na história em que foi feita a divisão sexual do trabalho e sua subsequente valoração. Ambos estimam que, ainda na pré-história, após a divisão das funções sociais – que deixou as mulheres encarregadas do lar, dos filhos e da agricultura enquanto os homens cuidavam das caçadas e das guerras –, surgiu uma mitologia como forma de manter os dois grupos atrelados aos trabalhos que lhes foram designados. Esta forma elementar de religiosidade não foi criada deliberadamente para subordinar um sexo ao outro, mas sua associação do feminino com aquilo que é paciente, imóvel e ligado à natureza e do masculino com o que é ativo, agressivo e criado pelo ser humano acabou por gerar um imaginário da mulher como um Outro que precisa ser vencido e conquistado em nome da ordem social.

Na sociedade ocidental moderna, o mito da mulher como a encarnação do mal que emana da natureza é reproduzido pela formação ideológica do cristianismo.

É o cristianismo que dá novamente à mulher um prestígio assustador: o medo do outro sexo é uma das formas que assume para o homem o desespero da consciência infeliz. [...] O Mal é uma realidade absoluta e a carne, um pecado. E, naturalmente, como nunca a mulher deixa de ser o Outro, não se considera que homem e mulher sejam reciprocamente carne: a carne, que é para o cristão o Outro inimigo, não se distingue da mulher. (BEAUVOIR, 2009, p. 241)

Entretanto, uma vez que os gêneros possuem apenas “existência relacional”, sendo cada um deles produto de um “trabalho de construção diacrítica” (BOURDIEU, 2010, p. 34), não seria funcional para manutenção das relações de produção que a ideologia responsável por esta continuidade atribuisse apenas características negativas ao trabalho da mulher. Logo, é necessária a exaltação de determinados aspectos do feminino.

O ideal da “mãe de família”, da mulher que põe seus “dons femininos” a serviço do “bem” e está sempre atenta às necessidades e vontades de seu marido e filhos, que é dócil, servil e temente a Deus e ao macho, dá às oprimidas algo a que aspirar, uma possibilidade de alcançar um lugar respeitável dentro da sociedade, baseado em preceitos religiosos que colocam o homem como o princípio superior de toda existência. Como coloca Beauvoir, “é a suprema vitória masculina que se celebra no culto de Maria; é a reabilitação da mulher pela realização de sua derrota” (BEAUVOIR, 2009, p. 246). Há, portanto, uma feminilidade que é, mais do que aceita, recompensada. Dessa forma as vítimas da dominação tornam-se suas próprias vigias, em busca da representação que lhes foi colocada como um objetivo a ser alcançado. Aquelas que não se enquadram na imagem da “boa mulher” são rechaçadas não apenas pelos opressores, mas pelas outras oprimidas, que veem em seu desvio um crime contra o gênero. (GUIMARÃES, 2014, p. 24).

Muitas vezes colocada no imaginário popular como o exato oposto da religiosidade, incapaz de coexistir com suas crenças, a ciência nem sempre olha com o ceticismo que dela se espera para questões relacionadas a gênero. Inserido em uma



formação social que privilegia determinados grupos em detrimento de outros, o sujeito da ciência é também afetado por um já-dito, seu discurso também dialoga com uma memória discursiva dividida em formações discursivas como a cristã. Por fim, o sujeito da ciência sofre também aquilo que Pêcheux ([1975] 1998) chama de esquecimento número 2, por meio do qual o sujeito vê como óbvios os sentidos daquilo que diz, “esquecendo-se” que os significados de suas palavras são determinados pela posição social de que fala. Este efeito de obviedade do sentido está atrelado a um apagamento histórico, de forma que aquilo que é dito parece ser a única possibilidade do dizer – uma verdade clara e imutável, ligada a uma visão da realidade segundo a qual o mundo foi, é e sempre será de uma determinada forma. Assim,

enquanto avança o conhecimento científico, estranhamente se reinventam as explicações biológicas sobre as diferenças entre mulheres e homens, conferindo valor diferenciado às características ditas masculinas e femininas, sempre hierarquizando essas diferenças com prejuízo das mulheres. (LIMA E SOUZA, 2009, p. 25).

Exemplos desta reinvenção são identificados por Beauvoir (2009), que relata que “Lineu, em seu tratado da Natureza, deixa de lado, como 'abominável', o estudo dos órgãos genitais da mulher” (p. 242); por Friedan (2001), que reuniu casos de como a geração de mulheres dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra foram empurradas do mercado de trabalho de volta ao lar por “evidências” da verdadeira natureza feminina apresentadas pela antropologia, a sociologia e a psicologia, e amplamente divulgadas pela mídia da época; e por Cunha (1989), que, em seu resgate da história de mulheres no sistema psiquiátrico brasileiro, do início do século XX, traz à tona “uma fala médica (...) capaz de ao mesmo tempo naturalizar a opressão e a inferioridade, e valorizar a 'natureza' e o papel social a ser desempenhado por estas mulheres na gestão da 'celula mater' da sociedade” (p. 147).

Publicados em diferentes épocas e abordando períodos ainda mais distantes uns dos outros, esses textos mostram algumas situações em que a pesquisa e a divulgação científica sofreram interferência das práticas ideológicas do seu tempo e sua formação social, e como os efeitos de sentido gerados por seus dizeres reiteraram um sistema opressor baseado na oposição binária entre gêneros. No Brasil do século XXI, porém, como a ciência e a divulgação científica naturalizam diferenciações entre masculino e feminino? Esta é a pergunta que norteia a análise discursiva da reportagem Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?, apresentada a seguir.

O BIOLÓGICO NO DISCURSO SOBRE GÊNERO DA SUPERINTERESSANTE: UMA ANÁLISE

No quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso, por formação imaginária entende-se uma série de suposições feitas pelo sujeito e por seu interlocutor sobre as condições de produção de um determinado discurso no momento de sua enunciação. Assim, aquele que fala se pergunta quem é para falar daquela forma, com quem fala, sobre o que fala e quais são as impressões de quem lhe escuta, enquanto aquele a quem



se dirige o discurso faz o mesmo a partir de sua posição social. Conforme Orlandi (2009, p. 40), os “mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias”, o que equivale a dizer que “não são os sujeitos físicos nem seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções.”.

No caso do repórter de Superinteressante, podemos inferir que ele enxerga a si mesmo como um igual do leitor, alguém da mesma classe social, da mesma faixa etária, porém, com um entendimento maior sobre determinados assuntos. A aproximação deste conhecimento é o que Superinteressante vende para seu público, composto por quase dois milhões de leitores, dos quais 54% são do sexo masculino e 29% tem de 25 a 34 anos, principal faixa etária atingida pela revista, muito embora a linguagem adotada, com frequentes gírias e referências a ícones da cultura pop, sugira um público mais jovem, como os 20% de leitores que tem de 20 a 24 anos. O portal Publiabril detalha, ainda, a classe social a qual pertence seu público leitor: 58% são da classe B, enquanto a classe A representa 24% dos leitores e a classe C, 18%. Logo, de acordo com as normas do mercado, o jornalista da Superinteressante se dirige a um público jovem, predominantemente do sexo masculino, e pertencente à classe média ou classe média alta.

Entre os assuntos que a revista considera de interesse do seu público, estão a participação de empresas privadas no regime nazista (maio/2014), os usos medicinais da maconha (outubro/2014) e a suposta presença de alienígenas na Terra (setembro/2013). As três matérias publicadas nos últimos dois anos foram reportagens de capa, assim como a que analisamos neste artigo. Podemos constatar, portanto, que Superinteressante vê os relacionamentos entre homens e mulheres como um assunto tão complexo e interessante quanto tramas políticas, drogas e vida extraterrestre.

Com base em Guimarães (2014), pode-se afirmar que a revista se inscreve em uma formação discursiva (FD) sexista – não necessariamente machista –, que tem como base formações imaginárias distintas para cada um dos gêneros. Mussalim (2003, p. 125) que explica que, na Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux, as FDs, regidas pelas formações ideológicas, constituem o lugar em que ideologia e discurso se encontram. Em suas palavras:

Como uma FD é um dos componentes de uma formação ideológica específica, o fechamento, o limite que define uma formação discursiva é instável, pois ela se inscreve em um espaço de embates, de lutas ideológicas. Assim, uma FD não consiste em um limite traçado de maneira definitiva; uma FD se inscreve entre diversas formações discursivas, e a fronteira entre elas se desloca em função dos embates da luta ideológica, sendo esse embates recuperáveis no interior mesmo de cada uma das FDs em relação. (MUSSALIM, 2003, p. 125)

SD1: “Ela não queria que seus filhos crescessem achando que eram diferentes. Por isso, educou o menino e a menina da mesma maneira: vestiu-os com roupas iguais, deu bonecas para o filho e carrinhos para a filha. Certo dia ela entrou no quarto da menina de 3 anos e a flagrou brincando. No colo estava um caminhãozinho de brinquedo que a menina ninava de um lado para o outro dizendo: 'Não chore, carrinho. Vai ficar tudo bem'.” A história é de uma paciente de Louann Brizendine, neurobióloga de Harvard. E serve para deixar bem claro: sempre há alguma diferença entre os sexos. Infelizmente nem todas as distinções são tão óbvias quanto carrinhos e bonecas.



SD2: Ou seja, a ideia de que mulheres são frágeis e homens são audaciosos pode ser apresentada aos meninos pelas próprias mães. Mas essa, claro, não é a única diferença.

Ao dizer que “sempre há alguma diferença entre os sexos” a revista marca uma posição que também se faz presente no “claro” da SD2: homens e mulheres são essencialmente distintos uns dos outros, sempre foram e sempre serão, e isto é algo que é evidente para todos. Para Superinteressante, tentativas de promoção da igualdade entre os sexos são inúteis, já que “sempre há” algo para diferenciá-los, o que é desejável segundo o discurso da revista, que lamenta que “[i]nfelizmente nem todas as distinções são tão óbvias quanto carrinhos e bonecas”. Para exemplificar as diferenças entre os sexos, a revista usa a história de uma mãe que tentou, em vão, criar seus dois filhos, um menino e uma menina, de maneira igual. A história não é relatada diretamente pelo repórter, mas atribuída à neurobióloga Louann Brizendine. Conforme analisado em Guimarães (2014):

Moretzsohn (2007) identifica o uso das aspas como uma demonstração de uma suposta imparcialidade da imprensa, que, assim como a premissa de ouvir os dois lados de uma história, “vai no mesmo sentido da assepsia, como se a atribuição de uma informação a uma fonte eximisse o jornalista (e/ou o jornal) de responsabilidade sobre essa mesma informação e, mais ainda, como se esse procedimento fosse isento de intencionalidade”, mas explica que “estudos no campo da análise de discurso (por exemplo, Authier-Revuz, 1990; Orlandi, 1983, 1996) (...) demonstram o processo de ocultamento do sujeito através desse recurso, que costuma ser um alibi para os próprios jornais, capazes assim de esconderem os mecanismos de seleção e ênfase das declarações” (p. 187).” (GUIMARÃES, 2014, p. 51)

As aspas são utilizadas também numa tentativa de conter o deslizamento de sentidos, de facilitar a identificação dos leitores com o que está sendo abordado na matéria. No caso, as aspas foram usadas para “deixar bem claro” que existe uma fronteira entre meninas “frágeis” e meninos “audaciosos”. Porém, em que momento se constitui esta divisão? Na SD2, a influência do meio social aparece por meio da figura da mãe – em oposição à figura do pai, que, na divisão sexual do trabalho, não é responsável pela criação dos filhos. Porém, logo em seguida o papel da cultura e da sociedade é relegado a segundo plano, quando a matéria afirma que “essa, claro, não é a única diferença”. Relacionada à área de pesquisa da especialista consultada pelo jornalista, a neurobiologia, e às SDs seguintes é possível entender que as outras diferenças são determinadas pela natureza a partir do momento em que o óvulo é fecundado por um espermatozoide portador de um ou outro cromossomo.

SD3: E, se você é uma mulher, saiba que é mais vitoriosa ainda, porque é muito mais comum um óvulo ser fecundado por um espermatozoide masculino do que por um feminino: calcula-se que para cada 100 óvulos fertilizados por um espermatozoide com o cromossomo X, existam outros 170 fertilizados com o cromossomo Y. (...) Assim, logo de cara vão por água abaixo todas as esperanças de igualdade entre os sexos: desde o início a mãe natureza cuida de tratar cada gênero de maneira diferente.

SD4: É o que acontece com os portadores da síndrome de insensibilidade a andrógenos. Eles têm cara, corpo e comportamento de mulher, mas carregam o cromossomo Y.

SD5: “Ou seja, os homens são o sexo frágil quando nascem - e a culpa é das mulheres”.



Na SD3, Superinteressante atribui à natureza a frustração de “todas as esperanças de igualdade entre os sexos”, já que desde o início ela “cuida de tratar cada gênero de maneira diferente”. Novamente, é a figura da mãe que é evocada: embora faça referência a uma expressão comumente utilizada, ao associar a mãe natureza com a desigualdade de fecundação dos óvulos, logo após dizer que as diferentes expectativas para cada gênero são “apresentada[s] aos meninos pelas próprias mães”, a revista traz à tona a imagem da mulher como responsável pela reprodução dos papéis de gênero. Esta responsabilização das mulheres torna a aparecer na SD5, que diz respeito à rejeição de embriões com o cromossomo Y dentro do útero. No discurso da revista, vemos uma intercambialidade entre indivíduos – com suas personalidades – e seus organismos. Podemos, aqui, retomar Beauvoir e seus exemplos da representação da mulher na ciência:

Em seu livro *Le tempérament et le caractère*, Alfred Fouillé pretendia, outrora, definir toda mulher a partir do óvulo e o homem a partir do espermatozoide; muitas teorias, ditas profundas, assentam nesse jogo de analogias duvidosas. Não se sabe muito bem a que filosofia da Natureza esses pseudopensamentos se referem. [...] Suponho, antes, que flutuam nesses espíritos brumosos sobrevivências da velha filosofia medieval, segundo a qual o cosmo era o exato reflexo de um microcosmo: imagina-se que o óvulo era um homúnculo feminino e a mulher, um óvulo gigante. (BEAUVOIR, 2009, p. 45)

A equivalência entre organismo e comportamento reaparece na SD4, em que é comentada a síndrome de insensibilidade a andrógenos, que daria a pessoas que carregam o cromossomo Y não apenas cara e corpo, mas “comportamento de mulher”.

SD6: ...eles vão para a engenharia, elas vão para a psicologia, como se fossem geneticamente predestinados para isso.

SD7: E eis o problema: computação e engenharia são as áreas que pagarão os melhores salários nos próximos anos. Já as mulheres preferem profissões que historicamente pagam mal. E assim se explica, em parte, por que as mulheres continuam ganhando menos - elas gostam de carreiras que pagam menos.

SD8: Mas todos esses estudos ignoram um aspecto importante: as pessoas não esperam que mulheres sejam agressivas e competitivas. Outras pesquisas mostram que, quando elas são gananciosas e começam a subir de cargo, as pessoas deixam de gostar delas. Para um homem, o fato de ser bem-sucedido o torna um cara bacana e admirável. Para uma mulher, basta ela virar chefe para que as pessoas comecem a enxergá-la com desconfiança. 'Sucesso e admiração caminham juntos nos homens, mas não nas mulheres. Todas nós sabemos que isso é verdade', disse Sheryl Sandberg, COO (chefe de operações) do Facebook, em uma apresentação no fórum de tendências TED.

SD9: ...em 56 estudos que analisaram o número de palavras ditas em conversas informais, os homens falaram mais em 24 deles - as mulheres só ganharam em dois casos. (Milhares de mulheres respiram aliviadas neste momento.) A fala, como tantas outras coisas, é definida pelo status social - e o dos homens continua mais alto.



A ligação do comportamento ao biológico torna a aparecer em “geneticamente predestinadas”. É por causa desta determinação genética que mulheres “gostam” e “preferem” carreiras que pagam menos, como marcado na SD7.

A influência do social se faz presente na SD8, que emprega as aspas como maneira de conferir credibilidade ao texto através da opinião de um especialista: a executiva do Facebook que ilustra a constatação de que mulheres bem-sucedidas são vistas com desconfiança. As diferentes expectativas para cada gênero também aparecem na fala “definida pelo status social”, cujo masculino “continua mais alto”, e na preferência histórica de mulheres por áreas que pagam menos. Porém, nas SDs 10, 11 e 12 seguintes, a revista reforça a importância do biológico, utilizando como exemplo o comportamento de crianças (o que já demonstra a filiação a uma determinada formação discursiva, uma vez que as crianças são entendidas como não afetadas pelo meio).

SD10: Meninos simplesmente não conseguem ficar quietos. E isso tem a ver com o amadurecimento cerebral mais lento nos primeiros anos de vida. A questão aqui é o que os cientistas chamam de controle de inibição. [...] 'A vantagem do controle de inibição das meninas é a maior diferença entre os sexos nas crianças dos 3 aos 13 anos', diz Lise Eliot, neurocientista da Universidade Rosalind Franklin, em seu livro *Pink Brain, Blue Brain* (Cérebro Rosa, Cérebro Azul; sem tradução no Brasil). Essa diferença é crítica porque abrange boa parte da vida escolar. E o colégio exige dos alunos exatamente aquilo que os meninos mais têm dificuldade de fazer: sentar quietos, concentrar-se. Há estudos que mostram que os meninos têm até mais dificuldade em aprender a levantar a mão antes de falar na sala de aula. Não é à toa que há anos as meninas vão melhor na escola, inclusive em matemática, uma matéria na qual homens supostamente têm uma vantagem inata.

SD11: Os meninos continuam correndo. A professora os chama de novo. Apenas na terceira vez, porque os meninos não têm controle de inibição, eles obedecem. Essa cena fictícia, um pouco caricatural, mostra uma característica importante que os meninos aprendem cedo: desafiar a autoridade. (...) As professoras permitem que os meninos as interrompam mais. De fato, uma pesquisa do Centro Psicobiológico de Pittsburgh mediu os níveis de cortisol (o hormônio liberado em situações de estresse) no sangue de crianças entre 7 e 16 anos e concluiu: eles se estressam muito mais com autoridade do que elas.

SD12: Meninas falam mais cedo - e usam mais palavras para se comunicar, já a partir do primeiro ano de idade. Também conversam com frases mais complexas ("Me dá boneca", em vez de só "Bola"), o que rendeu a elas a fama de matracas...

“Simplesmente não conseguem ficar quieto”, “amadurecimento cerebral”, “colégio exige justamente aquilo que eles mais têm dificuldade de fazer” – os meninos, na SD10, são apresentados como vítimas do sistema escolar, mas também como possuidores natos de características não apreciadas em sala de aula. O comportamento masculino é incentivado pelas professoras – novamente, pertencentes ao sexo feminino, assim como as professoras da SD11 –, que “permitem que os meninos as interrompam mais”, mas é também algo inevitável. Devido a uma demora no desenvolvimento do cérebro, exemplificada na SD10, eles “simplesmente” são mais agitados. Logo, é natural que se cobre um temperamento mais calmo e silencioso das meninas, uma vez que eles têm até mesmo “mais dificuldade em aprender a levantar a mão antes de falar na sala de aula”. Por consequência, “eles se estressam muito mais com autoridade do que elas”. No discurso da revista, a personalidade desafiadora tradicionalmente associada ao sexo masculino é uma inevitabilidade, causada pela sua biologia e confirmada pelo meio social, representado sempre por figuras femininas.



É justamente esse efeito de evidência, de naturalização dos sentidos, que atesta o funcionamento da ideologia no discurso. Conforme Pêcheux ([1975] 1998, p. 160): “É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve...”, e, neste caso, o que é o comportamento de um menino e de uma menina. São efeitos de sentidos que se constituem em uma determinada conjuntura sócio-histórica, mas que por suas condições de circulação no âmbito do jornalismo científico, são percebidas como evidências, inequívocas, como se o sentido não pudesse ser outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter-se anteriormente identificado o discurso de Superinteressante como filiado a uma formação discursiva sexista, não é verdade que a revista se encaixa cem por cento nesta FD. Da mesma forma, também não é verdade que a revista não se inscreve em uma formação discursiva machista, como podemos ver, por exemplo, na SD5, que responsabiliza as mulheres por um problema masculino, embora tampouco seja possível dizer que o machismo domina todos os dizeres da revista. Afinal,

Como uma FD é um dos componentes de uma formação ideológica específica, o fechamento, o limite que define uma formação discursiva é instável, pois ela se inscreve em um espaço de embates, de lutas ideológicas. Assim, uma FD não consiste em um limite traçado de maneira definitiva; uma FD se inscreve entre diversas formações discursivas, e a fronteira entre elas se desloca em função dos embates da luta ideológica, sendo esses embates recuperáveis no interior mesmo de cada uma das FDs em relação. (MUSSALIM, 2003, p. 125)

Se levadas em consideração outras matérias publicadas pela revista, são encontrados sinais de outras formações discursivas não compatíveis com o sexismo da reportagem analisada. Porém, em *Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?*, a diferenciação entre os sexos é aceita como natural e valorada positivamente. Isto é feito também por meio de comentários sobre fatores sociais, como a escola e a família, ambas as instituições representadas por mulheres, mas é principalmente por meio do discurso da medicina e da biologia que as distinções entre homens e mulheres são colocadas como inevitáveis por Superinteressante. Assim, torna-se possível afirmar que:

o principal dentro do discurso da revista é a forma como a ciência é usada de maneira a não questionar, mas a confirmar estereótipos de gênero. Isto é feito, em primeiro lugar, através dos temas e pesquisas escolhidos. A partir do momento em que uma matéria chamada *Homens x mulheres – Por que eles estão ficando para trás?* não apenas é escolhida em uma reunião de pauta, mas ganha espaço na capa, Superinteressante já deixa claro que acredita que homens e mulheres possuem alguma diferença essencial e que existe uma espécie de competição entre os sexos. No lugar de opiniões divergentes a respeito da existência dessas diferenças e da forma como elas se produzem, abrangendo diferentes tipos de visões acadêmicas, o que estaria de acordo com os princípios do jornalismo, a revista opta por valorizar determinados campos, como a biologia e a psicologia evolutiva, que procura ligar características mentais ao processo de seleção natural. As áreas que encontram espaço nas matérias são também as que gozam de mais prestígio entre o público, as que são mais facilmente reconhecidas como “ciência”. Logo, é também uma questão de lucro que uma revista de jornalismo científico dê preferência para aquilo que é percebido como ciência por seus leitores. (GUIMARÃES, 2014, p. 69-70)



As análises permitem afirmar, então, que, para Superinteressante, a influência do social é um fator existente nas questões relativas a gênero, mas um fator secundário e gerado pelas próprias mulheres prejudicadas por ele. Por razões financeiras, mas também por uma formação imaginária não necessariamente consciente da ciência como lugar apenas das ciências naturais altamente difundidas, a revista atribui à genética e à biologia como um todo a responsabilidade pelos papéis assinalados para homens e mulheres em nossa formação social. Assim, a formação discursiva principal no discurso de Superinteressante é uma FD naturalista, que enxerga o comportamento humano como determinado pela natureza e, portanto, não sujeito a mudanças significativas.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n° 18, p. 121-144, agosto-setembro, 1989.
- FRIEDAN, Betty. The feminine mystique. Nova York: Norton, 2001.
- GUIMARÃES, Eduardo (org.). Produção e circulação do conhecimento: estado, mídia, sociedade. Vol. 1. Campinas: Pontes, 2001.
- GUIMARÃES, Eduardo (org.). Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação. Vol. 2. Campinas: Pontes, 2001.
- GUIMARÃES, E.M. Homens e mulheres na Superinteressante: o discurso sobre os papéis sociais de gênero no jornalismo científico. Monografia (Comunicação Social – Jornalismo), Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2014.
- MORETZSOHN, Sylvia. Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, vol. II. São Paulo: Cortez, 2003.
- OLIVEIRA, Fabíola de. Jornalismo científico. São Paulo: Contexto, 2012.
- ORLANDI, Eni. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. Rua, Campinas, n° 4, p. 9-19, 1998.
- _____. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. p. 59-92.
- ORMANEZE, Fabiano. A biografia como divulgação científica: uma análise de discurso da coleção “Grandes cientistas brasileiros”. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013. Dissertação (Mestrado), Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, François; HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-159.
- _____. [1975]. Discurso e ideologia (s). In: Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 141-185.
- _____. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

SITES CONSULTADOS

SUPERINTERESSANTE. Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?. ed. 292, jun. 2011. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/homens-x-mulheres-eles-estao-ficando-632124.shtml>>2010.

GUIMARÃES, E. M.; DA SILVA, S. D. Cromossomos X e Y: o social e o biológico no discurso sobre gênero na superinteressante. **Revista Científica Ciência em Curso** – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 4, n. 2, p. 85-96, jul./dez. 2015.



Abstract: First published in the late 1980's as a Brazilian version of the Spanish magazine *Muy Interesante*, *Superinteressante* runs stories about history, behavior, science and technology. Among the subjects more frequently approached by the magazine are matters related to gender and sexuality - themes that have been integral to 58 stories through the years of 2011 and 2012. Through the analysis of one of these stories, *Homens x mulheres: por que eles estão ficando para trás?* (june/2011) this article intends demonstrate how the biological and the social are represented in *Superinteressante's* discourse on gender roles in society. Using the method of *Discourse Analysis* developed by Michel Pêcheux, the article aims to make explicit the effects of meaning generated by the discourse adopted by the magazine not only in regards to men and women, but also in regards to science.

Keywords: discouse analysis, science journalism, gender